

A internacionalização da economia chinesa: convergente ou assimétrica?*

Jacqueline Angelica Hernández
Haffner

Doutora em História Econômica pela
Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul, Professora do
Departamento de Economia e Relações
Internacionais da Universidade Federal
do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Mestra em Economia pela UFRGS,
Professora do Departamento de
Economia e Relações Internacionais
(UFRGS)

Karen Stallbaum

Doutor em Economia pela University of
Massachusetts Amherst, Professor do
Departamento de Economia e Relações
Internacionais (UFRGS)

Marcelo Milan

Doutora em Economia pela
Universidade Estadual de Campinas,
Professora do Departamento de
Economia e Relações Internacionais
(UFRGS)

Marcilene Martins

Resumo

Este artigo tem por objetivos analisar as transformações recentes na internacionalização da estrutura tecnoprodutiva e no processo de abertura comercial da economia chinesa, bem como identificar possíveis assimetrias desse processo no que tange à internacionalização monetária e financeira. Utilizando-se bancos de dados de agências internacionais e cálculos de indicadores econômicos, é possível observar que a base produtiva apresen-

* Artigo recebido em out. 2014 e aceito para publicação em jan. 2017.



Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Open Acces (Acesso Aberto)

Revisor de Língua Portuguesa: Tatiana Zismann

** E-mail: jacqueline.haffner@ufrgs.br

*** E-mail: karen.stallbaum@ufrgs.br

**** E-mail: milan.econ@gmail.com

***** E-mail: marcilene.martins@ufrgs.br

ta uma significativa transformação, expressa no aumento do valor adicionado pela produção doméstica, ao mesmo tempo em que o País permanece especializado nas etapas de montagem de bens manufaturados intensivos em mão de obra. Por sua vez, o crescimento do comércio internacional segue um percurso de expansão permanente ao longo dos últimos anos, com uma crescente sofisticação da pauta. Por outro lado, no que se refere ao setor financeiro, apesar da falta de dados mais robustos, a evidência preliminar sugere que há uma dependência da economia para com o setor bancário de propriedade estatal, embora a moeda chinesa pareça seguir o padrão comercial, avançando gradualmente na escala de internacionalização. Dessa forma, a internacionalização da economia chinesa não parece apresentar homogeneidade e convergência, estando mais assentada no comércio externo e, em menor escala, na esfera produtiva, mais dependente de setores intensivos em mão de obra do que das finanças, apesar da ampliação recente do papel do renminbi no sistema monetário internacional.

Palavras-chave

China; internacionalização; comércio

Abstract

This article aims to analyze the recent changes in the internationalization of the Chinese techno-productive structure and in the process of trade openness of the Chinese economy as well as identify possible asymmetries in this process with respect to monetary and financial internationalization. By using databases of international agencies and calculations of economic indicators, it is possible to observe that the productive base presents a significant change, expressed as an increase in the value added by the domestic production, while the country remains specialized in the labor-intensive, assembly stages of manufactured goods. Regarding commerce, the growth of international trade has followed an expansion path over the last few years, with an increasing sophistication of its trade basket. On the other hand, considering the financial sector, despite the lack of more robust data, preliminary evidence suggests that there is a dependency of the economy on the state-owned banking sector, although the Chinese currency seems to follow the trade pattern, advancing gradually in the internationalization scale. Thus, the internationalization of the Chinese economy does not seem to present any homogeneity or convergence, being more based on the foreign trade sphere and, to a lesser extent, on the productive sphere, albeit still dependent on labor-intensive sectors, than in

the financial services sector, notwithstanding the recent expansion of the role of the renminbi in the international monetary system.

Keywords

China; internationalization; trade

Classificação JEL: F1, F2, F3

1 Introdução

Este trabalho analisa as principais transformações comerciais, tecno-produtivas e monetário-financeiras da economia chinesa, com relação ao seu grau de internacionalização, nos últimos anos. A questão central que motiva o trabalho é a seguinte: existe uma convergência, no sentido de uma crescente internacionalização, dos três setores da economia chinesa: produção, comércio e sistema financeiro? Ou o processo de internacionalização é assimétrico, avançando de forma mais rápida em algumas áreas e mais lentamente em outras? Para responder a essas questões, é preciso analisar o processo em seu conjunto, identificando possíveis assimetrias e descompassos entre as esferas produtiva, comercial e monetário-financeira. A evidência preliminar discutida nas próximas seções sugere que a integração da economia chinesa ao resto do mundo está mais avançada no plano comercial. Esse processo, todavia, vem-se intensificando também nas outras áreas, com uma maior integração da China ao sistema de produção mundial e também um aumento no papel do renminbi nos pagamentos internacionais. Por outro lado, com base na evidência disponível, salienta-se que não parece existir ainda uma integração financeira mais robusta, considerada neste trabalho em termos da presença de instituições financeiras internacionais na intermediação de fluxos monetários e creditícios.

A rápida expansão do fluxo de comércio coloca a China como uma potência comercial, e as modificações na pauta sugerem um processo dinâmico de capacitação tecnológica que altera substancialmente o papel da China na estrutura produtiva global. Ao mesmo tempo, a moeda chinesa ganha importância cada vez maior no sistema monetário internacional. Aqui é possível observar uma primeira possível assimetria, com a expansão dos setores mais avançados do ponto de vista tecnológico simultaneamente a uma

dependência das exportações de bens intensivos em trabalho. Por outro lado, o governo chinês se esforça para internacionalizar cada vez mais a moeda chinesa, seguindo a trajetória comercial. Uma segunda assimetria surge ao se verificar que, ao contrário da moeda crescentemente internacionalizada, os dados disponíveis apontam para um sistema bancário primordialmente nacional e fortemente controlado pelo Estado. O trabalho discute brevemente algumas implicações desta aparente dinâmica assimétrica e possíveis mudanças no futuro próximo.

Para responder à questão central, que busca entender em que medida as principais mudanças experimentadas pela economia chinesa nos últimos anos apontam para uma convergência no sentido de uma economia crescentemente internacionalizada em todos os principais setores e identificar quais as possíveis assimetrias e desequilíbrios imbricados nessas transformações, o trabalho efetua uma revisão bibliográfica e apresenta os dados quantitativos disponíveis e cálculos de indicadores econômicos levantados por agências internacionais.

O artigo está organizado da seguinte forma: a seção 2 discute a expansão comercial chinesa nos últimos anos. A próxima seção analisa as principais modificações tecnoprodutivas experimentadas pela China no mesmo período, de forma integrada à questão comercial a fim de comparar os dois ritmos de internacionalização. A seção 4 analisa a internacionalização da moeda chinesa e avalia, de forma preliminar, o grau de internacionalização do setor bancário chinês. A seção final conclui o trabalho.

2 Internacionalização comercial: a nova dinâmica das importações e exportações chinesas

Nas últimas três décadas a China vem exibindo uma trajetória de expansão econômica que impressiona pelo vigor do ritmo de crescimento¹.

¹ Há consenso na literatura de que o ponto de partida desse extraordinário crescimento da economia chinesa remete às reformas econômicas iniciadas em 1978, conhecidas como Gei Ge Kaifeng, no Governo Deng Xiaoping. Entre as principais medidas de política propostas com aquelas reformas, destacam-se: a liberalização dos preços agrícolas e demais preços até então controlados pelo Governo Central; a permissão de entrada de indústrias privadas para complementar a prestação de serviços estatais; a política de abertura ao comércio exterior, incluindo medidas de facilitação da importação de tecnologias; política de atração de Investimentos Diretos Estrangeiros (IDE) dirigidos principalmente às indústrias intensivas em capital e tecnologia; investimentos em educação e formação de capital humano (NONNENBERG, 2010).

Crescendo a uma taxa média anual de 9% nos últimos 30 anos, a China foi destaque mesmo entre os países como Singapura, Coreia do Sul, Tailândia e Índia, que estão entre os que mais cresceram no mesmo período (NONNENBERG, 2010). O rápido crescimento do produto chinês aumentou muito seu peso na economia mundial, passando de 1,9% do Produto Interno Bruto (PIB) global na década de 80 do século passado para 11,8% em 2012, ultrapassando inclusive o Japão, e colocando o País na segunda colocação no *ranking* das economias mundiais (FMI, 2013).

Ao mesmo tempo, as nações em desenvolvimento, quando consideradas em conjunto, elevaram sua participação no PIB global de 23,6% para 50,2% no mesmo período. Considerando-se que grande parte desse aumento resultou do ciclo expansivo liderado pela pujança econômica chinesa e sua demanda mundial, a importância do crescimento chinês mostra-se ainda maior. A Tabela 1 apresenta as taxas de participação no PIB global por grupos de países — desenvolvidos e em desenvolvimento —, destacando-se a relevância da China.

Tabela 1

Participação da China e regiões no Produto Interno Bruto global 1980-2012

REGIÃO OU PAÍS	1980	1990	2000	2005	2010	2011	2012
Países desenvolvidos	76,4	79,7	79,9	76,2	66,5	52,1	50,5
Países em desenvolvimento	23,6	20,3	20,1	23,8	33,5	48,6	50,2
Ásia	6,2	5,1	7,3	8,9	14,7	16,7	18,9
China	1,9	1,8	3,7	5	9,3	10,7	11,8
Países em desenvolvimento (exceto China)	21,7	18,5	16,4	18,8	24,2	38	38,4

FONTES DOS DADOS BRUTOS: ACIOLY *et al.* (2011).
FMI (2013)

Nesse grande ciclo de expansão do produto chinês, pode-se afirmar que dentre os vários fatores que contribuíram para esse crescimento, o comércio exterior assumiu uma posição central (ACIOLY; LEÃO, 2010). Entre 1975 e 2008, as exportações chinesas cresceram de US\$ 7,7 bilhões para US\$ 1.428 bilhões. Com as importações, o resultado não foi muito diferente, com o valor destas elevando-se de US\$ 7,9 bilhões para US\$ 1.133 bilhões, no mesmo período (NONNENBERG, 2010). O resultado foi um aumento das trocas comerciais da China com o mundo em 4,6 vezes — o que significou um aumento de 1,9 vez na corrente de comércio em nível global. Segundo Costa *et al.*(2008):

O crescimento da participação chinesa no comércio mundial é um fenômeno que já vem ocorrendo há mais de uma década,

mas que se intensificou fortemente nos últimos anos. Um dos marcos recentes na evolução dos fluxos comerciais chineses com o resto do mundo foi o ingresso do país na Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2001, quando o comércio chinês deu um salto expressivo.

De fato, as exportações chinesas têm mostrado um dinamismo muito superior às exportações mundiais. Entre 1985 e 2005, as vendas chinesas para o resto do mundo cresceram 17% a.a. saindo de um patamar próximo a US\$ 42 bilhões em 1985 para algo em torno de US\$ 760 bilhões, em 2005. Em virtude desse crescimento, a participação da China no comércio mundial passou de 1,8% em 1990 para 7,5% em 2005, de acordo com dados da OMC (COSTA *et al.*, 2008).

As exportações chinesas concentram-se em mercados vizinhos, na Ásia e nos Estados Unidos. Assim, os Estados Unidos representam 17,2% das exportações chinesas, seguidos por Hong-Kong, com 15,8%, Coreia do Sul com 4,3%, e Alemanha, com 3,4%. O Brasil participa com 1,6% desse total (BRASIL, 2013).

A decisão da China pela abertura teve como motivação primordial a industrialização do País. Esse objetivo fica claro desde o princípio, tendo sido uma das primeiras medidas do governo no sentido de liberalizar o comércio exterior do País — por meio de reduções tarifárias e concessões de permissão para realizar diretamente operações de comércio exterior para um maior número de empresas. Assim, as principais medidas consistiram na abertura do comércio externo de bens e na liberalização de investimentos industriais por parte de empresas estrangeiras (COSTA *et al.*, 2008). A coordenação de dois distintos regimes de comércio criados nesse período — o primeiro centralizado em empresas estatais e o segundo apoiado na entrada de capital estrangeiro — buscou alcançar simultaneamente esses objetivos (ACIOLY; LEÃO, 2010). Por sua vez, a intensificação das relações comerciais com o resto do mundo permitiu também uma modificação contínua na estrutura industrial chinesa, como se verá na próxima seção.

Para alavancar a industrialização, foram criadas na segunda metade da década de 70 as primeiras quatro Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), todas no Litoral Sul – região escolhida pela facilidade logística e pela proximidade com Hong Kong. Estas ZEEs receberam diferentes incentivos, como isenções fiscais, que estimulavam a instalação de indústrias nesses locais. Em consequência disso, nas ZEEs formaram-se *clusters* que permitiam transbordamentos positivos. O sucesso das ZEEs estimulou o governo chinês a criar outras 14, também no litoral, nos anos 80, criando um sistema de comércio exterior muito mais descentralizado, dinâmico e adequado a permitir um crescimento mais intenso da balança comercial.

Dessa forma, observa-se que o objetivo industrializante da abertura comercial chinesa foi efetivo: tornou a China o maior país exportador em

2009, ultrapassando a Alemanha, e alterou drasticamente o perfil de suas exportações. Conhecida por vender produtos copiados, de baixa qualidade e reduzido teor tecnológico, os produtos de alta e média tecnologia tiveram um crescimento significativo na pauta de exportações chinesas, como se verá na próxima seção, enquanto as *commodities* e os produtos intensivos em mão de obra e em recursos naturais reduziram sua participação.

Por outro lado, o crescimento econômico chinês e o *boom* de suas exportações foram acompanhados por uma expansão proporcional no nível de importações, sendo que entre os anos 1980-89, o crescimento anual das importações foi 1,6%, nos anos 1990-99 foi de 2,6%, entre 2000-09, de 7,2% e, entre os anos 2010-12, de 9,8%, como mostra a Tabela 2. A elevação das importações chinesas decorre, em grande parte, do aumento das compras de bens primários. Um conjunto de fatores internos foi determinante para explicar a “explosão” da demanda chinesa por *commodities* agrícolas e metálicas. Dentre esses fatores estão: (a) a aceleração da industrialização do País, decorrente da abertura comercial e dos incentivos do governo — em especial, o incremento expressivo do número de indústrias dos setores automotivo, metalúrgico e de construção civil — alavancou as importações de *commodities* metálicas; e (b) o crescimento populacional e do nível de renda e a escassez de terra arável elevaram a compra externa de *commodities* agrícolas para suprir, especialmente, as necessidades de alimentação do País. Além disso, após anos de negociação para a entrada chinesa na Organização Mundial do Comércio (OMC), o País assumiu compromissos de reduzir as barreiras tarifárias e de aumentar suas quotas de importação de bens agrícolas, óleos vegetais e alimentos processados, ferro e aço, favorecendo ainda mais o fluxo comercial nesse sentido (PRATES, 2007).

Da mesma forma que as exportações, as importações da China são oriundas, principalmente, de países vizinhos da Ásia e dos Estados Unidos. O Japão foi o principal fornecedor da China em 2012, com 10,2% do total das importações, a Coreia do Sul com 9,5%, Taiwan com 7,6%, Estados Unidos com 7,4%, Alemanha com 5,3% e o Brasil com 3% (BRASIL, 2013).

Resume-se assim, que o comércio exterior chinês cresceu 48% entre 2008 e 2012, passando de US\$ 2,56 trilhões para US\$ 3,79 trilhões. No *ranking* da OMC de 2013, a China figura como o principal exportador mundial e o segundo maior importador, após os Estados Unidos (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO, 2014).

Analisando as mudanças promovidas pela China nos anos recentes, nota-se que o País desempenhou o papel de “duplo polo” na economia internacional (MEDEIROS, 2010). Há um padrão espacial específico do comércio exterior chinês, em que, em um dos polos, o país é fabricante de

produtos de tecnologia da informação e bens de consumo industriais, sendo o maior produtor de manufaturas intensivas em mão de obra e exportador líquido para os Estados Unidos (EUA). No outro, é mercado consumidor para máquinas e equipamentos e, sobretudo, *commodities*, sendo importador líquido de regiões como África, Ásia e América Latina.

Tabela 2

Evolução das exportações, importações e corrente de comércio da China em valor e participação mundial na corrente de comércio — 1980-2012

(%)

ANOS	EXPORTAÇÃO		IMPORTAÇÃO		CORRENTE DE COMÉRCIO	
	Valor	%	Valor	%	Valor	%
1980-89	31	1,4	35	1,6	66	1,5
1990-99	129	2,9	114	2,6	243	2,6
2000	249	3,9	225	3,4	474	3,7
2001	266	4,3	244	3,8	510	4,1
2002	326	5,1	295	4,5	621	4,8
2003	438	5,9	413	5,3	851	5,6
2004	593	6,5	561	5,9	1.155	6,2
2005	762	7,3	660	6,1	1.422	6,7
2006	969	8	792	6,4	1.761	7,2
2007	1.218	8,8	956	6,7	2.174	7,7
2008	1.429	8,9	1.132	6,9	2.560	7,9
2009	1.202	9,7	1.004	7,9	2.206	8,8
2010	990	10,4	886	9	1.876	9,7
2011	1.898	11,6	1.743	10,1	3.642	10,6
2012	2.044	12,5	1.749	10,4	3.793	11,2

FONTE DOS DADOS BRUTOS: ACIOLY *et al.* (2011).

FMI (2013).

NOTA: Valores em US\$ correntes.

Assim, em termos da internacionalização da economia chinesa, fica claro que nos últimos anos aconteceram grandes modificações nos fluxos de comércio, principalmente conduzidas pelo rápido e significativo crescimento chinês nas relações comerciais internacionais, o que resultou em significativas mudanças nos preços internacionais dos produtos e na pauta de importações² — alterada de forma menos intensa que as exportações, mas, ainda assim, com força expressiva — gerando uma nova dinâmica no comércio mundial. Ou seja, do ponto de vista das trocas externas o nível de internacionalização da China é elevado. Por outro lado, essa transformação

² Ver, por exemplo, Prates (2007).

produziu impactos significativos sobre a estrutura tecnoprodutiva chinesa, impactos estes destacados na próxima seção.

3 As mudanças na internacionalização da estrutura produtiva chinesa

Como já ressaltado por inúmeros estudos³, há evidências de que a extraordinária expansão da presença chinesa no comércio mundial vem sendo acompanhada de uma substancial mudança na composição setorial (grandes setores e/ou grupos de produtos) e fatorial (intensidade tecnológica) das exportações, o que exige profundas modificações na base produtiva do País. Nesse sentido, a mudança na composição das exportações chinesas, que se revela na Tabela 3, pode ser tomada como uma evidência indireta da intensificação do processo de industrialização experimentado pela China nas últimas duas décadas e meia. Observe que a participação de bens manufaturados no total exportado pela China duplicou entre 1985 e 2012, passando de 49,5% para 95,1%, enquanto a participação de bens primários decresce de 50,5% para 4,9%. Pode ser também observado que entre 1990 e 2012, os produtos de alta tecnologia aumentaram em 3,6 vezes a sua participação no total das exportações chinesas, passando de 6,9% para 24,7%, e de 2,8 vezes a sua participação no total das exportações de manufaturas, elevando-se de 9,3% para 26,0%, enquanto a participação dos manufaturados nas exportações totais chinesas aumentou em menos de um terço, elevando-se de 74,4% para 95,1% (aumento de 27%). A análise desse segundo conjunto de cifras aponta inequivocamente para a importância crescente das exportações de bens manufaturados de maior conteúdo tecnológico na determinação da dinâmica comercial chinesa no período analisado, mas é também indicativa do esforço de inovação tecnológica que tem acompanhado a ampliação da estrutura industrial chinesa.

Considerando-se que a China ingressou na década de 90 com as exportações de manufaturas já somando mais de três quartos das suas exportações totais, ressalta-se que desde então a principal e mais visível mudança na estrutura do comércio chinês está na elevação do grau de sofisticação da pauta exportadora, expressa no aumento da importância relativa das exportações de manufaturas de maior conteúdo tecnológico, exigindo mudanças concomitantes na estrutura produtiva chinesa.

³ Ver, por exemplo, Medeiros (2010) e Accioly e Leão (2011).

Tabela 3

Exportações chinesas por categorias de produtos — 1985-2012

CATEGORIAS	1985	1990	1995	2000	2006	2012
Manufaturados (US\$ 100 milhões) ...	135	462	1.273	2.237	9.160	19.482
Participação % no total de exportações	49,4	74,4	85,6	89,8	94,5	95,1
Produtos de alta tecnologia (US\$ 100 milhões)	-	43,1	131	417	2.731	5.056
Participação % no total de exportações	-	6,9	8,8	16,7	28,2	24,7
Participação % nas exportações de manufaturas	-	9,3	10,3	18,7	29,8	26,0
Produtos Primários (US\$ 100 milhões)	138	159	215	254	529	1.006
Participação % no total de exportações	50,6	25,6	14,4	10,2	5,5	4,9
Total	273	621	1.489	2.492	9.689	20.487

FONTE: **World Bank. World Development Indicators**. Disponível em:

<http://data.worldbank.org/indicador/TX.VAL.TECH.CD/countries/1W?page=3&display=default>. Acesso em: **China Statistics Yearbook, 2013**. Disponível em: <<http://www.stats.gov.cn/tjs/2013/indexeh.htm>>.

NOTA: 1. Os dados sobre produtos de alta tecnologia foram obtidos em: **World Bank. World Development Indicators**.

2. Os demais dados foram obtidos em: **China Statistics Yearbook, 2013**.

3. Em US\$ correntes.

Ainda com relação à composição fatorial das exportações chinesas, cabe ressaltar que, no decorrer da última década, as exportações envolvendo bens intensivos em ciência e tecnologia virtualmente levantaram "voo", com a sua participação no total exportado pela China saltando de 17,7% para 29,2% entre 2000-10, ao passo que decresceu a participação relativa dessa categoria de bens no total das importações, cujos percentuais oscilaram entre 20% e 26% no intervalo 2000-06, declinando a partir daí até atingir, no ano de 2010, o patamar de 20%.⁴

Observa-se também que a China tem apoiado de forma determinante a expansão de suas exportações de manufaturas em uma crescente integração da sua estrutura produtiva industrial à economia mundial, notadamente no interior da própria Ásia. Assim, a internacionalização comercial tem contrapartida na internacionalização produtiva. Tal processo ocorre em grande medida através do aumento da presença da China nas cadeias globais de valor da produção manufatureira⁵.

⁴ Ressalta-se também que a China vem aumentando fortemente sua dependência do exterior no tocante ao suprimento de alimentos e combustíveis, cujas importações vêm crescendo de forma extraordinária nos últimos anos, em termos absolutos e relativos, configurando uma importante e crescente fonte de pressão sobre o saldo comercial no médio e longo prazo, como discutido no relatório do Banco Mundial, World Development Indicators 2012.

⁵ A definição de cadeia de valor faz referência a todas as empresas ou setores que participam dos diversos estágios envolvidos na elaboração de um bem ou serviço, o que inclui as

A maior presença da China nas cadeias globais de valor significa um aprofundamento da internacionalização da economia do País, e pode ser inferida, por exemplo, pela comparação da evolução das parcelas relativas de conteúdo doméstico e estrangeiro do valor adicionado pelas exportações chinesas. Nesse sentido, conforme dados de um estudo recente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT 2013), verifica-se que a participação do valor adicionado doméstico embutido nas exportações chinesas, que em 1995 representava 88% do valor das exportações, foi reduzido para 67% em 2009. Já o conteúdo estrangeiro do valor adicionado das exportações aumentou significativamente no mesmo período, não apenas em termos médios (para o conjunto da indústria), mas para todos os setores da indústria manufatureira⁶. Em termos médios, o valor adicionado de origem estrangeira elevou-se de 10% em 1995 para cerca de 35% em 2009.⁷ Em termos setoriais, o principal destaque é o setor de equipamentos elétricos, que chega com 43% do valor adicionado por suas exportações em 2009 como sendo de origem estrangeira. Nos setores de equipamentos de transportes, maquinaria e metais básicos, esse percentual mostrou-se também bastante elevado, ficando em torno de 35%.

Outro aspecto a ser ressaltado na estratégia de especialização produtiva chinesa é a que aponta para uma estreita vinculação entre importações e exportações. Nesse sentido, vale o registro de que cerca de 50% das importações de bens intermediários feitas pela China, no ano de 2009, tiveram como destino a produção de exportações, sendo essa proporção mais que o dobro da registrada em 1995. Os grupos de produtos: Têxteis e vestuários e Equipamentos elétricos foram os que registraram os maiores percentuais de importações para uso nas exportações, 81% e 73% respectivamente

atividades de concepção e *design*, produção, propaganda e *marketing*, distribuição, etc. O ponto a ser enfatizado é que as cadeias globais de valor passam por um processo de reestruturação mundial, no sentido de uma maior fragmentação e dispersão mundial das cadeias de valor dos processos produtivos industriais (INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2013). Esse processo é comandado por empresas transnacionais que continuamente deslocam etapas da produção entre os territórios nacionais em busca de um melhor posicionamento para a obtenção de mais vantagens em termos de custos de produção e logística de distribuição.

⁶ Os setores da indústria manufatureira listados no referido estudo (ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2013) são: mineração, produtos alimentícios, têxteis e vestuário, madeira e papel, química e minerais, metais básicos, maquinaria, equipamentos elétricos, equipamentos de transportes, outras manufaturas, transportes e telecomunicações.

⁷ A título de comparação, a participação de insumos estrangeiros nas exportações dos Estados Unidos foi, em 2009, de 15%. No caso do Brasil, no mesmo período, esse índice foi de 10% (INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2013, p. 5).

(ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT, 2013).

Esses números sugerem uma correlação positiva entre a parcela de valor adicionado de origem estrangeira embutido nas exportações e as importações de bens intermediários. Isso se explica pelo fato de que após serem processados e receberem, sequencialmente, novas adições de valor em território chinês⁸, os insumos, partes e componentes importados retornam à corrente mundial de comércio na forma de exportações de manufaturas.

A evidência de uma alta e crescente parcela de valor adicionado no estrangeiro, nas exportações chinesas, que é também indicativa de que a China vem ampliando sua presença nas cadeias globais de valor da indústria manufatureira, somada à constatação de que vêm crescendo, rapidamente, as importações de bens intermediários e, portanto, o uso de fatores de propriedade estrangeira, sugerem um baixo grau de integração para trás nas cadeias de produção de manufaturas, o que é o mesmo que um baixo grau de internalização na estrutura produtiva chinesa de setores que produzem nos estágios intermediários das cadeias de produção de manufaturas. Essa é uma importante diferença ou assimetria com relação à dinâmica comercial, ainda que endogenamente associadas.

A questão fundamental, nesse ponto, é saber qual é o lugar atualmente ocupado pela China nas cadeias globais de valor da produção manufatureira. As evidências acima discutidas indicam para esse país uma posição de forte integração para frente nas cadeias de valor. Sugere-se também que não é propriamente a condição de ser grande demandante de insumos produzidos no exterior que define o lugar China nas cadeias globais de valor, mas sua condição de grande produtora e exportadora de manufaturas de alto valor agregado e intensidade tecnológica.

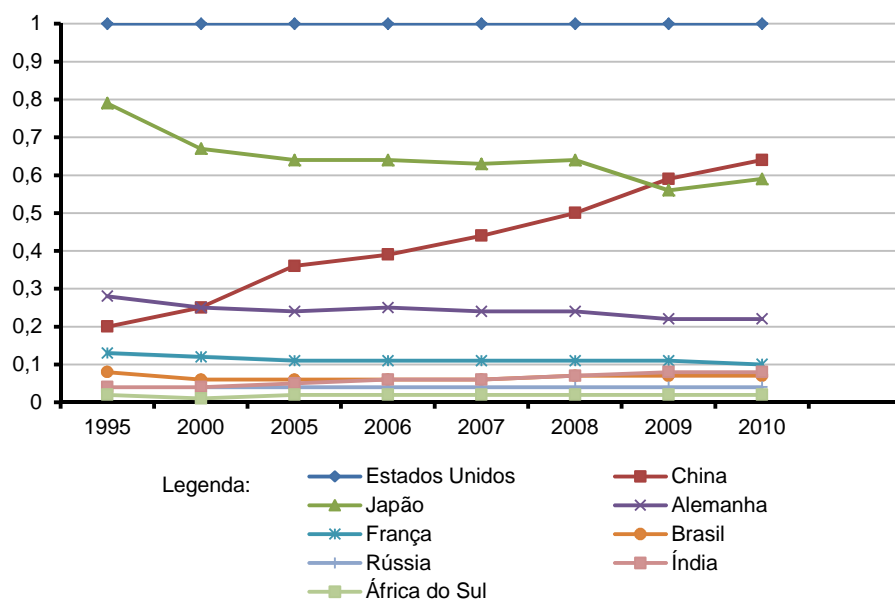
Não é por acaso que a contrapartida desse maior grau de integração da estrutura produtiva chinesa ao sistema de produção internacional tem sido o aumento da participação da China no valor adicionado pela manufatura mundial e a consequente redução da distância entre o País e as maiores potências industriais no quesito de valor adicionado pela manufatura. Mas o que realmente impressiona é a velocidade dessa aproximação. Nesse sentido, conforme o Gráfico 1, que informa a participação da China no valor adicionado pela manufatura mundial expressa como proporção da participação dos EUA em menos de duas décadas (1995-2010), a China subiu da 4ª para a 2ª posição em termos de, atinge o índice de 0,7 em 2010 contra 0,20 em 1995.

⁸ Mas não necessariamente por empresas chinesas. Como é amplamente conhecido, a China representa, hoje, o principal destino buscado pelo capital produtivo internacionalizado. As empresas transnacionais que operam em território chinês comandam o processo de agregação de valor à produção de manufaturas exportadas pela China.

Com esse resultado a China já ultrapassou a Alemanha e o Japão e vem se aproximando cada vez mais dos EUA, atual líder mundial em valor adicionado pela manufatura. Complementando essa análise, cabe observar que nenhum outro país do **mundo em desenvolvimento** tem conseguido acompanhar o dinamismo da China no contexto da produção industrial da **região**. Entre 1990 e 2010, a China praticamente triplicou sua parcela de valor adicionado no produto industrial da região em desenvolvimento, elevando-a de 13% para 43,3%, enquanto outras principais economias manufatureiras da região fizeram o movimento inverso, a exemplo de Brasil e México, que viram sua parcela de valor adicionado pela manufatura reduzir-se de 9,4% para 4,9%, e de 7,8% para 4,0% respectivamente.⁹

Gráfico 1

Índice de participação no valor adicionado pela manufatura mundial em países selecionados — 1995-2010



FONTES DOS DADOS BRUTOS: Unido. Competitive Industrial Performance Index. Disponível em: <<http://www.unido.org/data1/Statistics/Research/cip.html>>.

Acesso em: mar. 2014.

NOTA: Os dados são índices de participação no valor agregado pela manufatura mundial de cada país selecionado em relação à participação dos Estados Unidos.

⁹ Conforme Unido — Industrial Development Report, 2011, p.143. Disponível em: <http://www.unido.org/fileadmin/user_media/Publications/IDR/2011/UNIDO%20IDR%20report%20for%20web%20020912.pdf>.

Compreende-se que as evidências acima discutidas apoiam a hipótese de que a China é possivelmente o país que tem conseguido tirar maior proveito da inserção produtiva nas cadeias globais de valor da produção manufatureira. A explicação desse resultado requer ter em conta a condição da China como um dos principais destinos mundiais de investimentos diretos externos, mas não somente isso. É preciso sublinhar a posição atual da China de maior receptora de investimentos estrangeiros diretos, notadamente quando eles envolvem firmas multinacionais, as quais, via de regra, estão no comando das cadeias globais de valor. O fator determinante é que tais empresas têm enxergado na China condições extremamente favoráveis ao objetivo de adicionar mais valor às cadeias produtivas, especialmente naqueles setores que estão no centro do processo de reestruturação das cadeias globais de valor, nomeadamente os setores de maquinaria, equipamentos elétricos e eletrônicos, de transportes e comunicações, os quais, não por acaso, coincidem com os setores de maior dinamismo em termos de produção e comércio mundiais (INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL, 2013). Compreende-se então a estreita vinculação entre recebimento de investimentos diretos externos, a inserção produtiva externa e os desempenhos produtivo e comercial da China (CHEUNG, 2010).

Em que pese a constatação de que a extraordinária expansão da economia chinesa nas últimas três décadas mostra inequivocamente uma trajetória de crescimento com mudanças estruturais nas esferas produtiva e de comércio exterior, é forçoso também reconhecer que a China continua sendo largamente produtora e exportadora de bens de baixa tecnologia, como mostra o Gráfico 2. Ou seja, em termos de volume de comércio, essa é a característica que predomina no padrão de especialização chinesa.

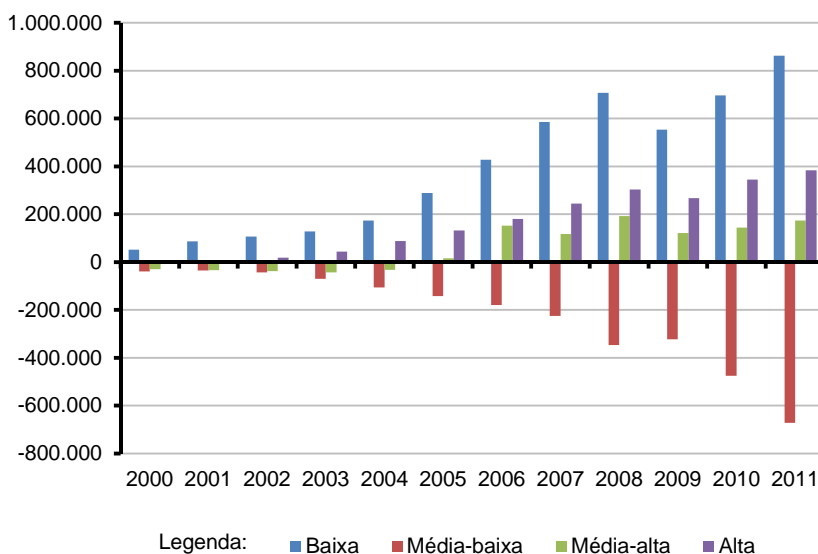
Por outro lado, o extraordinário desempenho da China, especialmente na última década, na produção e exportação, sobretudo de bens manufaturados de maior conteúdo tecnológico, sugere a perspectiva de uma estratégia de sofisticação da produção industrial chinesa, e, como consequência, a necessidade de intensificação e/ou aprimoramento dos esforços da China em termos de desenvolvimento tecnológico endógeno. A tendência recente de aprofundamento da integração produtiva chinesa com o resto do mundo parece servir bem a esse objetivo de aprofundar o conteúdo tecnológico da produção, sobretudo das exportações industriais.

Dessa forma, visualizam-se duas principais possibilidades de reconfiguração produtiva para a economia chinesa: prosseguir daqui por diante em sintonia com sua atual base de vantagens competitivas, o que significa dizer, expandindo a produção industrial, mas mantendo o foco na produção de manufaturas tecnologicamente menos elaboradas, ou modificar os fundamentos de sua base estabelecida de vantagens competitivas com a perspectiva de

imprimir uma mudança mais significativa no seu padrão de especialização produtiva e comercial.

Gráfico 2

Classificação, por intensidade tecnológica, do saldo da balança comercial da China — 2000-11



FONTE DOS DADOS BRUTOS: <<http://stat.wto.org/StatisticalProgram/WSDDBStatProgramSeries.aspx?Language=E>> Acesso em: mar. 2014.

A perspectiva de mudanças mais significativas na estratégia econômica de longo prazo da China, sobretudo no que diz respeito ao seu padrão tecnológico, coloca uma preocupação ainda maior com os rumos futuros do desenvolvimento tecnológico desse país, o que vem suscitando muitas indagações, como por exemplo: a política de incentivo ao ingresso de investimento direto externo (IED) continua cumprindo a função de via principal de incorporação de progresso técnico e transferência de tecnologia para o sistema produtivo chinês? Como a China tem articulado a política de atração de empresas transnacionais com o objetivo da apropriação de conhecimento tecnológico? Que tipos de políticas têm sido adotadas pelo governo chinês com o objetivo de promover um maior grau de desenvolvimento tecnológico endógeno? Tais questões são apenas uma pequena amostra do enorme desafio que temos pela frente, na perspectiva de avançar na compreensão da complexa economia chinesa.

As rápidas transformações da economia chinesa discutidas nesta e na última seção levantam uma questão adicional sobre as relações monetárias externas e o financiamento da produção, do comércio e do investimento chinês, assunto da próxima seção.

4 Internacionalização monetária e sistema financeiro nacional

As seções anteriores sugerem que parte das transformações comerciais e produtivas geram os fundos necessários para o investimento e a produção, seja na forma de excedentes comerciais em transações correntes ou na forma de financiamento via IED. Assim, parte do financiamento da atividade econômica da China resulta da própria internacionalização comercial e produtiva. Por outro lado, os investimentos chineses no País e no exterior, bem como a própria produção com destino ao mercado doméstico e ao mercado externo necessitam da intermediação desses fundos, coletados e redistribuídos pelo sistema financeiro em operação na China. Se a internacionalização financeira ocorre de forma proporcional à internacionalização comercial e produtiva, sugerindo a existência de uma convergência elevada no processo de internacionalização, deve-se verificar uma crescente participação de fundos intermediados por instituições internacionais no sistema financeiro chinês. Ou seja, da mesma forma que os setores de comércio externo e tecnoprodutivos, o sistema financeiro chinês, principalmente o setor bancário, deveria apresentar uma forte integração ao sistema financeiro internacional (SFI). Da mesma forma, a moeda chinesa deveria ganhar crescente importância no sistema monetário internacional.

Com relação a este último aspecto, a rápida internacionalização comercial e produtiva, bem como a crescente participação dos investimentos estrangeiros chineses nos fluxos globais, parece exigir uma maior internacionalização do renminbi¹⁰. Estudos recentes de Cohen (2011), McCauley (2011) e Yam (2010) discutem as políticas adotadas pelo governo chinês nesse sentido. Da mesma forma, Cockerell e Shoory (2012) discutem as reformas implementadas com o objetivo de internacionalização, mostrando a evolução das transações externas com o renminbi, incluindo acordos de compensação comercial, e a criação de acordos bilaterais locais de swaps entre os Bancos Centrais da China e de outros países. De acordo com os autores, cerca de 10% do comércio internacional chinês já pode ser condu-

¹⁰ A moeda chinesa é o renminbi, sendo o Yuan apenas uma unidade de conta para mensurar o renminbi.

zido na moeda chinesa. Maziad e Kang (2012), por sua vez, argumentam que a moeda chinesa é a que possui maior potencial de internacionalização, mas os controles de capitais impostos pelo governo chinês impedem que este objetivo seja atingido. Por outro lado, a proliferação de acordos de compensação comercial e a emissão de títulos denominados em renminbis criou uma forte relação entre os mercados doméstico e externo da moeda chinesa.

Assim, embora não haja estatísticas com séries de tempo comparáveis às séries comerciais e produtivas em extensão e continuidade, as políticas de promoção internacional do renminbi e os poucos dados pontuais disponíveis apontam no sentido da crescente participação da moeda chinesa nas transações internacionais. Por outro lado, o processo de internacionalização comercial e produtiva é mais antigo, e sem mais dados a comparação pode refletir apenas os diferentes estágios em que se encontram esses processos. O ideal seria que os processos pudessem ser comparados em estágios equivalentes do ponto de vista temporal. Na impossibilidade de fazê-lo, pode-se apoiar a hipótese da assimetria tendo em consideração que a internacionalização resulta, em boa medida, de decisões políticas que se evidenciam nas prioridades e estratégias adotadas pelo Estado chinês de promover a internacionalização por macrossetores de atividade.

Com relação ao sistema financeiro e bancário, diferentemente dos setores comercial e tecnoproductivo, e da mesma forma que no caso da moeda chinesa, não há muitas informações e dados estatísticos de longo prazo. A maioria dos trabalhos menciona características qualitativas ou institucionais, ou apenas dados mais recentes que não permitem avaliar tendências e transformações estruturais. Assim, Cousin (2011) apresenta um estudo qualitativo detalhado sobre o sistema bancário chinês, discutindo a infraestrutura e o papel do Estado, a demanda e a oferta de serviços bancários, e os principais riscos apresentados pelo sistema. O estudo, porém, não apresenta uma discussão das relações entre o sistema bancário chinês e o SFI. Boyreau-Debray e Wei (2005), pertencentes, respectivamente, ao Banco Mundial e ao FMI, argumentam que a mobilidade do capital é reduzida na China, e que o governo, por meio dos bancos estatais, transfere fundos das regiões mais produtivas para as menos produtivas, reduzindo a eficiência econômica e o crescimento. Concluem, não surpreendentemente, que uma menor intervenção do Estado no sistema financeiro elevaria as taxas de crescimento. Já Peng (2007) discute o sistema bancário chinês em termos de governança corporativa, intervenção governamental, concorrência estrangeira e crimes do colarinho branco. A autora mostra que na China existe uma política de emprego de crédito bancário estatal para completar o orçamento do Estado. Por exemplo, entre 1991 e 1996, os empréstimos ditos

“políticos” oscilaram entre 34% e 37% do crédito total fornecido pelos bancos públicos. Sobre a concorrência estrangeira, a autora argumenta que é ainda é muito reduzida, mas vem aumentando nos últimos anos, sem proporcionar dados.

Chiu e Lewis (2006) discutem possíveis reformas do sistema empresarial estatal chinês, enfatizando as reformas do direito de propriedade, da governança corporativa e do setor financeiro, mas igualmente sem avançar na questão da internacionalização. Da mesma forma, Roland (2008) e Sáez (2004) comparam reformas financeiras implementadas na China e na Índia, mas sem enfatizar as diferenças no que tange à abertura dos respectivos sistemas bancários ao capital estrangeiro. Isso pode ser interpretado como evidência indireta de que o sistema financeiro chinês parece ser, ao contrário dos setores produtivos e comerciais, pouco internacionalizados.

Meng (2009) e Allen *et al.* (2008) reforçam que o sistema financeiro chinês é dominado pela atividade bancária, sob o controle dos principais bancos estatais. O volume de inadimplência já experimentou níveis elevados e deveria ser o principal foco das reformas, segundo os autores. Por sua vez, um estudo recente efetuado por Allen *et al.* (2012) sugerem que o problema tem sido reduzido de forma relativamente eficiente. Em seguida, eles discutem o mercado acionário e argumentam que o volume de operações é reduzido e que as transações são dominadas pela especulação e por informação privilegiada. Outro aspecto importante diz respeito ao que os autores denominam de setor híbrido, onde a atividade de financiamento informal entre empresas e governo não é bem definida, mas que, na avaliação deles, é de fundamental importância para o crescimento. Finalmente, os autores mostram preocupação com a possibilidade de uma crise financeira na China e discutem medidas para evitá-la.

Um dos poucos estudos que fornece informações quantitativas atuais corrobora essa hipótese. Começando com os aspectos institucionais, Meng (2009) mostra que, no nível hierárquico mais elevado do sistema financeiro chinês está o Conselho do Estado. Subordinados ao Conselho estão o Banco Central (Banco Popular da China) e a Comissão Regulatória Bancária da China. A essas duas organizações estão subordinados, no mesmo nível, três bancos de política do Estado, 144 bancos comerciais (dos quais cinco são bancos do Estado, 12 são bancos nacionais ou regionais com capital aberto e 127 são bancos comerciais municipais) e mais de 27 mil cooperativas de crédito. Os vínculos internacionais se materializam na atuação de cerca de 180 bancos estrangeiros, principalmente da Europa e da Ásia. O sistema estatal possui mais de 190 mil agências, enquanto o sistema estrangeiro tem pouco mais de 250 agências e subsidiárias e mais de 200 escritórios de representação. O sistema bancário chinês, que foi reaberto ao

capital estrangeiro nos anos 80, possuía, ao final de 2007, mais de US\$ 170 bilhões em ativos. Contudo, em 2006, mais de 25 anos após a reabertura ao capital externo, os bancos estrangeiros detinham apenas 2,4% dos ativos financeiros totais, enquanto os bancos comerciais estatais detinham mais de 51%. Dificilmente esses números poderiam ter sido modificados de forma a proporcionar uma mudança estrutural no sentido de maior internacionalização nos últimos anos.

Indicadores quantitativos adicionais, que apontam igualmente para um reduzido grau de internacionalização do sistema bancário chinês para um período mais longo, são fornecidos por Stallings e Studart (2006). Os autores fazem uma comparação da estrutura de propriedade do sistema bancário para vários países em desenvolvimento entre 1990 e 2002. Em 1990, a China possuía um sistema bancário 100% estatal, e, em 2002, os autores não conseguiram desagregar o sistema bancário nacional entre estatal e privado, mas este último compunha 98% do total, com o restante sendo propriedade de instituições estrangeiras. Assim, a evidência fornecida pelos autores é de que, pelo menos até 2002, o sistema bancário chinês era praticamente controlado pelo Estado e, portanto, com uma participação mínima das instituições financeiras globais.¹¹ Adicionando-se a informação de 2006 sobre a participação dos bancos estrangeiros no valor total dos ativos (Meng, 2009), uma medida melhor que o número total de instituições, não parece incorreto sugerir que o sistema bancário chinês é pouco internacionalizado na atualidade, sem grandes modificações ao longo do tempo.

Stallings e Studart (2006) apontam que a China tinha, em 2003, uma proporção entre crédito ao setor privado e PIB de 148%, mas que não há informação desagregada entre crédito para empresas estatais e privadas. Por outro lado, Chiu e Lewis (2006) estimavam um valor de 157% para 2004 e 168% para 2005, sugerindo um rápido crescimento. O crescimento do crédito, estimado a atingir 240% do PIB em 2013, tem sido considerado como uma bolha que pode gerar uma grave crise financeira (ZEROHEDGE, 2013). Cabe notar que a possivelmente reduzida internacionalização da intermediação financeira via instituições estrangeiras não deprimiu o montante de crédito disponível ao setor doméstico, pelo contrário. A dívida do Governo Central, entre 2000 e 2005, ficou próxima de 38% do PIB, enquanto os investimentos estrangeiros diretos, para o mesmo período, foram de cerca de 4% do PIB, sugerindo um volume reduzido quando comparado ao crédito doméstico.

¹¹ Os autores sugerem que, devido ao passado socialista, em que os bancos financiavam empresas estatais inviáveis, eles têm uma elevada taxa de inadimplência. Porém, os autores não apresentam nenhum caso de crises financeiras graves na China.

A maioria dos estudos mencionados sobre o sistema financeiro e bancário na China discute a necessidade de reformas no sistema financeiro e bancário chinês para manter as elevadas taxas de crescimento. As propostas incluem a privatização do sistema estatal e, o que é interpretado neste trabalho como evidência indireta de reduzida internacionalização, uma maior abertura para as instituições financeiras globais. Porém, como argumenta Ha-Joon Chang (2009) com relação à política industrial, elevar a taxa de crescimento da China acima dos padrões verificados representaria algo inédito na histórica econômica mundial. O mesmo seria válido para a privatização do sistema bancário chinês. Efetivamente, não há nenhuma experiência histórica de sistemas financeiros totalmente privados que tenham proporcionado taxas de crescimento maiores que as experimentadas pela economia chinesa nas últimas décadas. É igualmente importante lembrar que a grave crise financeira que se abateu sobre os EUA e a Europa em 2007 e 2008 se originou em sistemas financeiros essencialmente privados.

Dessa forma, não parece incorreto sugerir-se a existência de uma assimetria no grau de internacionalização da economia chinesa quando se comparam o setor financeiro e os demais setores. Mais importante: essa assimetria não parece criar desequilíbrios profundos na produção e no comércio, pelo contrário. A postura agressiva para fora, do ponto de vista comercial e produtivo, e crescentemente monetário, coexiste com uma aparentemente forte proteção ao setor financeiro doméstico, permitindo direcionar os fluxos de crédito para os setores que tem impulsionado a economia chinesa.

Por outro lado, a assimetria na estrutura de propriedade e nacionalidade do sistema financeiro chinês revela-se em outra dimensão. Gallagher *et al.* (2012) mostram uma ampliação da atuação das finanças chinesas em outras regiões, como a América Latina. Segundo os autores, a China, desde 2005, comprometeu mais de US\$ 75 bilhões em empréstimos para a região, sendo que, em 2010, apenas os empréstimos totalizaram mais que os recursos destinados à área pelo Banco Mundial, pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e pelo Banco de Exportações e Importações dos EUA. Os fundos, providos pelo Banco de Desenvolvimento da China, pelo Banco de Exportações e Importações da China e por outros bancos menores são voltados para os setores intensivos em recursos naturais (principalmente petróleo) e infraestrutura, setores geralmente negligenciados por outros órgãos de fomento, e para países com dificuldades em acessar o mercado financeiro internacional. Assim, além de promover o rápido crescimento da economia chinesa, o setor bancário estatal chinês também oferece oportunidades para outros países em desenvolvimento, oferecendo uma fonte alternativa de financiamento sem as condicionalidades das instituições oci-

dentais que, na maior parte das vezes, prejudicam o crescimento das respectivas regiões. Aqui a internacionalização comercial, produtiva e financeira apresentam um grau de complementariedade a partir da estrutura assimétrica da propriedade bancária nacional.

5 Conclusão

O trabalho argumentou que há evidências de que a crescente internacionalização da economia chinesa é, sobretudo, setorialmente assimétrica, mas cuja assimetria parece confluir para um desempenho econômico singular do ponto de vista histórico. Nos planos comercial e tecnoproductivo existe um processo contínuo de integração mundial. Isso se manifesta no aumento da parcela de valor adicionado pelas exportações chinesas que tem origem no exterior *vis-à-vis* o conteúdo doméstico e também no movimento mais recente de expansão dos investimentos diretos de empresas com base de operação no território chinês, no exterior. Ambos os movimentos refletem em primeira instância as decisões de localização de empresas internacionalizadas com o objetivo de inserção vantajosa nas cadeias globais de valor, mas também os objetivos estratégicos do governo chinês para o setor industrial.

A economia chinesa absorve tecnologias dos países avançados e também aposta em um maior grau de desenvolvimento tecnológico endógeno e expansão dos IED chineses, ainda que especializada em setores intensivos em trabalho. Contribuindo para uma maior convergência no plano monetário, o governo chinês promove a ampliação do papel do renminbi no sistema internacional e promove empréstimos para países em desenvolvimento. Por sua vez, os dados disponíveis sugerem que o sistema bancário chinês, principal responsável pelo financiamento das atividades produtivas, é nacional e submetido a um forte controle estatal. Essas características criam uma pressão das instituições financeiras ocidentais no sentido de reformas para a abertura do sistema financeiro.

Ou seja, há ampla internacionalização no plano comercial, e evidencia-se um movimento ascendente de integração tecnoproductiva, determinado pelas condições de inserção da China nas cadeias globais de valor. Verifica-se igualmente um aumento no grau de internacionalização da produção industrial em território chinês, mas com capitais de várias nacionalidades em processo e em intensa concorrência. Certamente essa dinâmica deve ser heterogênea do ponto de vista dos setores industriais, avançando mais nas etapas do processo produtivo em alguns setores e menos em outros. Finalmente, existe reduzida internacionalização no plano da intermediação finan-

ceira doméstica, mas com uma expansão dos empréstimos internacionais da China para outros países nos últimos anos e maior número de transações relacionadas ao renminbi.

Essas assimetrias no processo de internacionalização, até o momento, não impediram a manutenção de elevadas taxas de crescimento econômico e integração à economia mundial. Pelo contrário, não parecem ser incompatíveis com a dinâmica global da economia chinesa. Todavia, esse processo igualmente sugere algumas outras possibilidades. No plano tecnoproductivo existem indicadores de uma maior internalização ou redirecionamento das atividades no sentido de maior participação do setor doméstico, notadamente quando se trata de etapas a montante da produção de bens industriais por setores mais fortemente vinculadas às cadeias globais de valor. O mesmo pode ocorrer com o comércio externo, com o consumo doméstico aumentando em importância e as exportações perdendo o papel preeminente que hoje ocupam como fonte de demanda efetiva, juntamente com o investimento.

Assim, um possível cenário futuro teria como características — ao invés de um setor bancário doméstico mais internacionalizado, com a ampliação da participação das instituições estrangeiras — um comércio externo perdendo espaço para o consumo doméstico, alimentado pelo crédito bancário estatal, ao mesmo tempo em que a produção e a tecnologia também passariam a depender menos da economia mundial para manter seu dinamismo. A contínua crise europeia e estadunidense, ao mesmo tempo que podem contribuir para esse deslocamento do eixo dinâmico para dentro em função de uma queda nas importações originárias da China, sugerem que a internacionalização financeira pode não ser a panaceia nem exemplo de sucesso garantido. Pelo contrário, a industrialização e a exportação de bens manufaturados que têm garantido a rápida expansão e integração da economia chinesa no mundo ocorreram sem abertura financeira e também sem grandes crises financeiras. Dessa forma, a falta de convergência macrossetorial no processo de internacionalização não parece apresentar necessariamente efeitos negativos para a economia chinesa.

Referências

ACIOLY, L. China, uma inserção externa diferenciada. **Boletim de Economia Política Internacional**: análise estratégica. Campinas: Unicamp 2005. (Cadernos Unicamp, n. 7).

ACIOLY, L.; LEÃO, R. P. F (Org.). **Comércio internacional** — aspectos teóricos e as experiências indiana e chinesa. Brasília: IPEA, 2010.

ACIOLY, L.; LEÃO, R. P. F (Org.). **Crise financeira global**: mudanças estruturais e impactos sobre os emergentes e o Brasil. Brasília: IPEA, 2011.

ACIOLY, L.; PINTO, E. C.; CINTRA, M. A. M. **As relações bilaterais Brasil — China**: a ascensão da China no sistema mundial e os desafios para o Brasil. Brasília: IPEA, 2011.

ALLEN, F.; JUN, Q.; MEIJUN, Q. China's Financial System: past, present, and future. In: BRANDT, L.; RAWSKI, T. (Ed.) **China's Great Economic Transformation**. Cambridge: Cambridge University, 2008.

ALLEN, F.; QIAN, J.; ZHANG, C.; ZHAO, M. **China's Financial System**: opportunities and Challenges. Cambridge: NBER, 2012. (NBER Working Paper n. 17828).

BOYREAU-DEBRAY, G.; WEI, S-J. **Pitfalls of a State-Dominated Financial System**: the case of China. Cambridge: NBER, 2005. (NBER Working Paper n. 11214).

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Departamento de Promoção Comercial e Investimentos e Divisão de Inteligência Comercial. **Dados básicos e principais indicadores econômico-comerciais — China — agosto de 2013**. [Brasília], 2013.

CHANG, H-J. Industrial Policy: Can We Go Beyond an Unproductive Confrontation? **Annual World Bank Conference on Development Economics**, Seoul, South Korea, 2009. Disponível em: <<http://siteresources.worldbank.org/INTABCDESK2009/Resources/Ha-Joon-Chang.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

CHEUNG, K. Y. Spillover effects of FDI via exports on innovation performance of China's high-technology industries. **Journal of Contemporary China**, v. 19, n. 65, p. 541-557, jun. 2010.

CHIU, B.; LEWIS, M. **Reforming China's State-Owned Enterprise and Banks**. Northampton: Edward Elgar, 2006.

COCKERELL, L.; SHOORY, M. Internationalising the Renminbi. **Reserve Bank of Australia Bulletin**, june 2012.

COHEN, B. **The Yuan Tomorrow?** Evaluating China's currency internationalization strategy. 2011. Disponível em: <<http://www.polsci.ucsb.edu/faculty/cohen/inpress/pdfs/NPE.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

COSTA, K. P.; LEVY, P. M.; NEGRI, F.; NONNENBERG, M. B. **O crescimento econômico e a competitividade chinesa**. Brasília: IPEA, 2008.

COUSIN, V. **Banking in China**. 2. ed. Basingstoke: Palgrave MacMillan, 2011.

FERREIRA, I. M.; CAMPOS NETO, C. A. S. Impacto da infraestrutura econômica sobre o desenvolvimento. **Desafios do Desenvolvimento**, Brasília, n. 61, ago. 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/17/edicoes/61/pdfs/rd61art_03.pdf>. Acesso em: 20 set. 2011.

GALLAGHER, K.; IRVIN, A.; KOLESKI, K. The New Banks in Town: chinese finance in Latin America. **Inter-American Dialogue Report**, 2012. Disponível em: <<http://www.thedialogue.org/PublicationFiles/TheNewBanksinTown-FullTextnewversion.pdf>>. Acesso em: 21 janeiro 2013.

GU, S.; LUNDVALL, B. China's innovation system and the move toward harmonious growth and endogenous innovation. **Organization & Management**, v. 18, n. 4, 2016.

INSTITUTO DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL. O lugar do Brasil nas Cadeias Globais de Valor. **Carta IEDI**, n. 578, 2013.

MAZIAD, S.; KANG, J. S. **RMB Internationalization: onshore/offshore links**. [S.l.]: IMF, 2012. (Working Paper WP 12/133).

McCAULEY, R. Renminbi internationalisation and China's financial development. **BIS quarterly review**, dez. 2011.

MEDEIROS, C. A. **O ciclo recente de crescimento chinês e seus desafios**. Campinas: Centro de Estudos e Política Econômica/IE/Unicamp, 2010. (Textos Avulsos, n.3).

MENG, C. **Multinational Banking in China — theory and practice**. Northampton: Edward Elgar, 2009.

NONNENBERG, M. J. B. China: estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, v. 30, n. 2, p. 201-218, abr./jun. 2010.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO COMÉRCIO. Se prevé un crecimiento moderado del comercio en 2014 y 2015, después de dos años de estancamiento. **Press/721**, 14 de abril de 2014. Comunicado de prensa. 2014. Disponível em:

<http://www.wto.org/spanish/news_s/pres14_s/pr721_s.htm>. Acesso em: 29 set. 2014.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. World Trade Organization (WTO) **Trade in Value Added (TIVA)**: indicators. 2013. Disponível em:

<http://www.oecd.org/sti/ind/TIVA_CHINA_may_2013_pdf>. Acesso em: 12 ago.2013.

PENG, Y. **The Chinese Banking Industry**. Nova York: Routledge, 2007.

PRATES, D. M. A alta recente dos preços das commodities. **Revista de Economia Política**, v. 27, n. 3, p. 323-344, jul./set. 2007.

ROLAND, C. **Banking Sector Liberalization in India** — Evaluation of reforms and comparative perspectives on China. Heidelberg: Physica-Verlag, 2008.

SÁEZ, L. **Banking reform in India and China**. Londres: Palgrave MacMillan, 2004.

STALLINGS, B.; STUDART, R. **Finance for Development: Latin America in comparative perspective**. Washington D.C.: Brookings Institution, 2006.

YAM, J. **The role of China in international finance**. [Hong Kong]: Institute of Global Economics and Finance, 2010. (Working Paper n. 3).

ZEROHEDGE. **The True Chinese Credit Bubble: 240% Of GDP And Soaring**. Disponível em: <<http://www.zerohedge.com/news/2013-04-11/true-chinese-credit-bubble-240-gdp-and-soaring>>. Acesso em: 31 jun. 2013.

